

A teoria das representações sociais e a teoria das mediações: Uma proposta metodológica de aproximação

The theory of social representations and the theory of mediations: A methodological proposal to draw both theories closer to each other

YHEVELIN SERRANO GUERIN^a

Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de Gestão e Comunicação. Santa Cruz do Sul – RS, Brasil

ÂNGELA CRISTINA TREVISAN FELIPPI^b

Universidade de Santa Cruz do Sul, Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e em Letras. Santa Cruz do Sul – RS, Brasil

CIDONEA MACHADO DEPONTI^c

Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul – RS, Brasil

RESUMO

O artigo sumariza parte de uma pesquisa cujo propósito foi o exercício de aproximação entre a teoria das representações sociais, a partir de Serge Moscovici, e a teoria das mediações, de Jesús Martín-Barbero. Apresenta-se a discussão teórica e metodológica, baseada em referências principais de ambas as teorias, procurando aspectos de tangência que permitam a aproximação delas. O artigo resulta em um diagrama como sugestão de protocolo metodológico para estudos futuros no campo da Comunicação.

Palavras-chave: Representações sociais, mediações, teoria, comunicação

ABSTRACT

This study summarizes research aiming to bring together Serge Moscovici's theory of social representations and Jesús Martín-Barbero's theory of mediations. A theoretical and methodological discussion is described based on a discussion of the main references of both theories in search of tangency aspects that can bring these theories closer together. Such research resulted in a diagram that suggests a methodological protocol for future studies in communication.

Keywords: Social representations, mediation, theory, communication

^aDoutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Docente das graduações em Comunicação Social da mesma instituição. Sócia da agência Mosaico. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9316-4412>. E-mail: yguerin@unisc.br

^bProfessora dos programas de pós-graduação em Desenvolvimento Regional e em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-doutorado em Comunicación – Recepción y Cultura, na Universidade Católica do Uruguai (UCU). Coordena o grupo de pesquisa do CNPq Desenvolvimento Regional e Processos Socioculturais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3545-0215>. E-mail: angelafe@unisc.br

^cCoordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul. Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pós-doutorado na mesma instituição. Diretora da Rede de Estudos de Tecnologias Educacionais (RETE). Editora da revista Redes. É bolsista de produtividade científica CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8833-1450>. E-mail: cidonea@unisc.br

NESTE ARTIGO, PROPÕE-SE uma aproximação teórico-metodológica entre a teoria das representações sociais, de Serge Moscovici, e a teoria das mediações, de Jesús Martín-Barbero, para analisar como as representações são construídas e identificar os principais mediadores desse processo. Para tanto, parte-se do pressuposto de que o campo das representações sociais e o campo das mediações estão intimamente ligados a aspectos culturais e são responsáveis pela construção do universo simbólico dos sujeitos. As representações sociais circulam nas palavras, nas mensagens, nos discursos e também nos meios de comunicação. Essa condição faz com que elas possam cristalizar-se e materializar-se (Domínguez Gutiérrez, 2006), possibilitando identificar as mediações participantes da construção das representações sociais a respeito de um objeto.

A teoria das representações sociais trata de uma forma de conhecimento compartilhado socialmente, que surge dos intercâmbios cotidianos de pensamento e ações sociais existentes em um grupo. As representações sociais são essenciais para se entender a diversidade dos indivíduos, os seus comportamentos e os fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade, pois é a partir delas que os sujeitos constroem o mundo onde vivem. Para Moscovici (2013), as representações sociais podem ser identificadas nos fenômenos sociais, o que explica Stropasolas (2002, p. 24), quando escreve que “as representações sociais geram fatos sociais, fazem emergir identidades sociais, mobilizam e organizam socialmente pessoas e grupos em torno de reivindicações específicas, redefinindo a história e a dinâmica das sociedades”. No momento em que os atores sociais dão sentido ao mundo que os rodeia, constroem a sua realidade e essas relações se estabelecem continuamente.

Por sua vez, a teoria das mediações elaborada por Jesús Martín-Barbero foi inaugural ao romper com a visão centralizadora dos meios no processo comunicacional, propondo converter o olhar para o que o pensador chamou de mediações, o que estaria *entre* os meios e os sujeitos. Martín-Barbero compreende mediações como um “traçado que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, diferentes e distantes que tecem um mapa para uma realidade que é verificada ou para um conceito que é mantido e gerenciado” (2018, p. 22). Esse conceito é complementado por Orozco (1996), para o qual mediações são influências que vão formando o sujeito social e dependem da trajetória de vida e condicionamentos culturais de cada indivíduo. Durante o desenvolvimento como ser social, o ser humano está em constante processo de socialização, aprendendo a agir e a reagir em cada situação à qual é exposto. Em cada novo grupo de convivência, há sempre um conjunto de normas, valores, status e papéis a serem representados.

Este artigo sumariza parte de uma pesquisa de caráter interdisciplinar realizada na área de Ciências Sociais e Aplicadas¹ e busca apresentar à área

¹ Trata-se da tese de doutorado *Múltiplos olhares, múltiplas mediações: As representações sociais da ruralidade entre os jovens rurais da Microrregião de Santa Cruz do Sul* (2017), realizada pela autora do artigo, sob orientação das coautoras.

de Comunicação uma possibilidade interpretativa para os fenômenos que lhe compete estudar. Após a discussão teórica sobre ambas as teorias, é apresentado um protocolo metodológico que pode servir para estudos futuros.

SOBRE AS DUAS TEORIAS

A expressão *representação social* foi inaugurada por Moscovici (2013) na década de 1960, baseada na teoria da representação coletiva proposta, inicialmente, por Émile Durkheim no final do século XIX. A principal diferença existente entre as duas abordagens está no fato de Moscovici acreditar que a subjetividade deve ser valorizada, e não somente o coletivo. Para o autor, o coletivo não é determinante ou possui maior força, contrariando o caráter homogêneo das representações coletivas defendido por Émile Durkheim. O modelo de sociedade na qual Durkheim se baseou para pensar sobre as representações não possuía, no entendimento de Moscovici, um caráter tão complexo quanto o das sociedades modernas. No mundo vivido por Durkheim, por ser mais conservador e estático, as transformações se processavam de maneira mais lenta. Por essa razão, as representações poderiam ser mais estruturadas e cristalizadas, justificando o termo coletivo, pois seriam transmitidas a partir das tradições e de uma geração para outra. Na visão de Moscovici essa lógica não poderia continuar no mundo moderno, porque neste ter-se-ia uma realidade fluida e dinâmica, em que as representações poderiam se espalhar rapidamente, como através dos meios de comunicação. Em função das mais variadas mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas, as representações poderiam, inclusive, ter um curto espaço de vida. Para o autor, não seria mais possível desconsiderar a nova realidade que estava sendo instaurada, em que os meios de comunicação passam a ter um papel muito importante na formação das representações.

Dessa forma, Serge Moscovici trocou o *coletivo*, associado mais a uma tradição positivista e estática, por *social*, que daria uma dimensão mais dinâmica e apropriada às sociedades modernas (Guareschi, 2000). As representações, para o autor,

são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”. (Moscovici, 2013, p. 49)

Em direção semelhante, Jodelet (2005) entende as representações como formas de conhecimento prático que conectam um sujeito a um objeto. Quando se quer qualificar esse conhecimento como prático, não se busca somente a experiência,

os referenciais e as condições em que esse conhecimento é produzido. É preciso considerar, principalmente, o modo como as representações são construídas para que o sujeito possa agir no mundo.

Parte-se do pressuposto de que as representações são sistemas plurais integrados de ideias, crenças, imagens que fazem com que se possa pensar os objetos de várias maneiras (Rodríguez Salazar, 2009). Moscovici (2013) ainda demonstra que as representações surgem tanto entre duas pessoas quanto entre dois grupos, já que todas elas possuem representações. Elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos, intervindo nas atividades cognitivas dos sujeitos. “Essas convenções nos possibilitam conhecer o que representa o quê” (Moscovici, 2013, p. 39). Por essa razão é considerada como conhecimento do senso comum, que, ao ser compartilhado por determinado grupo, apresenta, por sua vez, uma dinâmica individual. Esta, na continuidade, seria o reflexo da diversidade social e da pluralidade de suas construções simbólicas (Piñero Ramírez, 2008). Por essa razão, Moscovici (2013) insiste em dizer que os fenômenos sociais nos permitem identificar de maneira visível as representações. As conversações, por exemplo, seriam os lugares onde se elaboram os saberes populares e o senso comum, e, a partir desse processo, conseguiríamos identificá-las.

O senso comum seria uma forma de se fazer possível a existência de certa coesão em toda e qualquer sociedade, já que se trata de um conhecimento presente nos sujeitos. Esse senso comum, em alguns casos, pode ser utilizado para justificar alguma ação ou pensamento: “todos pensam assim”, ou ainda “sempre foi assim”. Isto acontece porque se trata de um pensamento mais imediato e superficial, podendo ser, muitas vezes, até preconceituoso. Porém, ao mesmo tempo, pode ser considerado de grande utilidade para a sociedade, porque, de maneira geral, todos podem ter um mesmo conhecimento, independente de classe, idade ou gênero. Por outro lado, afasta as pessoas da busca por princípios científicos, verdades e informações sobre determinado assunto, já que, supostamente, sabem a resposta através do senso comum.

Conforme Moscovici (2013), a sociedade tem a necessidade de reconstituir um senso comum, criando continuamente o substrato das imagens e sentidos, sem o qual nenhuma coletividade poderia operar. Para o autor, as formas de representações são estáveis, exercem coerções e, de tal modo, constituem a sociedade. As representações “possuem uma realidade que, embora simbólica e mental, é tão real, se não mais real, que uma realidade física” (Moscovici, 2013, p. 287). Por essa razão, as representações sociais possuem status de teorias do senso comum, por se tratar de teorizações resultantes da percepção, da interpretação e da consolidação dos significantes sociais. É nesse ponto em que as mediações

e as representações se conectam, porque elas ocorrem no cotidiano e dependem dele. Isso é possível porque as representações são responsáveis pela forma como os sujeitos sociais aprendem a respeito do mundo; com as características no seu ambiente; com a realidade e experiência vivida; com as informações que circulam e são absorvidas.

A maneira que os sujeitos representam determinada realidade em seu universo simbólico está relacionada não só à vida coletiva, mas também aos processos de elaboração simbólica, fazendo com que sujeitos sociais lutem para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar (Jovchelovitch, 2000b). Diante disso, sugere-se analisar as representações sociais considerando que elas estão inseridas em todos os processos de comunicação, em todas as atividades cotidianas, em todas as experiências vividas, sendo mediadas continuamente pela trajetória do sujeito. Além disso, como escreve Jovchelovitch (2000b, p. 81),

comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes, trabalho é mediação entre necessidades humanas e o material bruto da natureza, ritos, mitos e símbolos são mediações entre a alteridade de um mundo frequentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana: todos revelam numa ou noutra medida a procura de sentido e significado que marca a existência humana no mundo.

No momento em que se pretende captar as representações sociais a respeito de um objeto, há que se considerar que essas representações são fruto da análise de associações e ideias de várias perguntas (Spink, 2000). Segundo Sá (1998), a análise das representações carece de três dimensões para se configurar uma pesquisa completa, não se limitando a descrever o conteúdo cognitivo de uma representação. É preciso ainda relacioná-los, pelo menos, “às condições socioculturais que favorecem a sua emergência” e realizar “uma discussão de sua natureza epistêmica em confronto com o saber erudito” (p. 33). É preciso saber de que maneira o sujeito se relaciona com o objeto. Esse objeto pode ser uma pessoa, uma situação ou evento social, pode ser uma ideia, uma teoria, um momento, um sentimento ou algo abstrato. Além disso, o objeto de representação pode ainda ser real ou imaginário, pois não existe representação sem objeto (Domínguez Gutiérrez, 2006).

Toda representação possui duas faces interdependentes – faces icônicas e simbólicas –, as quais possuem uma imagem e uma significação. Para identificar quais são as mediações mais significativas em um processo de construção das representações dos sujeitos, acredita-se que a abordagem de Martín-Barbero pode ser mais adequada. Esse autor propõe a perspectiva das mediações quando se trata de compreender as culturas populares e a realidade trazida pelos meios de comunicação, fato muito próximo à maneira em que as representações sociais podem ser explicadas.

O livro de Martín-Barbero, *Dos meios às mediações*, publicado pela primeira vez em 1987, se tornou um dos principais estudos para entender as mudanças ocorridas na América Latina com o desenvolvimento da Indústria Cultural. Era um período de construção de proposições teóricas autóctones na América Latina, que procuravam fazer frente aos problemas regionais.

Não foi apenas a limitação do modelo hegemônico o que nos obrigou a mudar de paradigma. Foram os fatos recorrentes, os processos sociais da América Latina, os que estão transformando o objeto de estudo dos investigadores da comunicação. (Martín-Barbero, 2003, p. 285)

O intuito de Martín-Barbero era “entender as relações da cultura de massa criada nos Estados Unidos ou a partir de modelos norte-americanos com culturas locais e tradicionais da América Latina” (Martino, 2009, p. 179), considerando objetos de estudo que davam “centralidade ao lugar do sujeito, obliterado por perspectivas hegemônicas nos estudos de comunicação daquele momento que privilegiavam a estrutura de propriedade dos meios e o determinismo tecnológico ou textual” (Ana Carolina Escosteguy, 2018, p. 29). Esse pensamento vem a se tornar uma teoria que considera o espaço-tempo regional e o protagonismo dos sujeitos, traduzindo-se no que pode ser a primeira ou mais original teoria latino-americana de Comunicação (Lopes, 2018a).

Propomo-nos a demonstrar que o pensamento comunicacional de Martín-Barbero não se conforma a uma teoria da recepção nem a uma teoria das mediações, mas constitui uma teoria da comunicação específica, caracterizada por uma epistemologia, metodologia e conceitos próprios, a que denominamos *teoria barberiana da comunicação*. (p. 39)

Então, fixando-se nas mediações, Martín-Barbero explora as questões culturais, políticas, econômicas e sociais da comunicação, incluindo a que envolve os meios de comunicação. Para compreender essa articulação, é preciso compreender alguns pressupostos da teoria cultural contemporânea, cujas bases estão nos Estudos Culturais: comunicação e cultura são inter-relacionadas, uma prescinde da outra; a comunicação não está restrita a meios ou mídia, está no nível constitutivo das relações sociais mediadas ou não mediadas pelos artefatos tecnológicos; esses artefatos são culturais, tanto na sua criação quanto no seu uso, configuram-se como tecnologias “culturais”; e a comunicação não pode ser tomada como algo em si, à parte das dimensões sociocultural, econômica e espaço-temporal da realidade. Esses pressupostos compõem a teoria das mediações.

A análise cultural proposta pelo pensamento barberiano da Comunicação amplia a compreensão sobre o lugar da cultura, colocando-a como principal mediadora dos processos de comunicação. No caso da comunicação midiática, por exemplo, a cultura tem uma relação diacrônica e histórica com o produto cultural, que é produzido a partir de certas matrizes culturais, e media uma relação sincrônica entre a produção e a recepção. Sendo assim,

A mediação deve ser entendida como o processo estruturante que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Ela exige pensar ao mesmo tempo o espaço da produção, assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas. (Lopes, 2018a, p. 17)

A obra de Jesús Martín-Barbero – assim como de outros pesquisadores seus contemporâneos, como Néstor García Canclini, Guilherme Orozco e Renato Ortiz – tem se constituído em itinerários da relação entre cultura, comunicação e sociedade nas últimas décadas, tendo como lócus de análise os territórios latino-americanos. No percurso do autor é possível compreender que “... a inscrição da comunicação na cultura deixou de ser mero assunto cultural, pois é tanto a economia como a política as que estão comprometidas com o que aí se produz” (Martín-Barbero, 2003, p. 224). Segue-se dizendo de “Um reconhecimento que foi, a princípio, uma operação de deslocamento metodológico para re-ver [sic] todo o processo da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o lugar das resistências e da apropriação a partir de seus usos.” (Martín-Barbero, 2018, p. 10). Há uma condição de dominância ou de subalternidade das sociedades, em certa medida, através da comunicação midiática, além de mestiçagens e hibridismos como movimentos que evidenciam as lutas de poder por meio da construção de sentidos sobre os acontecimentos sociais.

Ao longo das mais de três décadas em que Martín-Barbero produziu a teoria, sua obra foi sendo marcada por uma cartografia cognitiva (Lopes, 2018a): uma sequência de mapas elaborados, nos quais (novas) mediações iam sendo acionadas, explicitando um trabalho teórico de interpretação dos diferentes tempos sociais, formados nos cruzamentos entre comunicação e cultura. Depois de elaborar três mediações iniciais – *competência cultural*, *temporalidade social* e *cotidianidade familiar* –, em *De los medios a las mediaciones*, em 1987, Martín-Barbero traz o *mapa noturno*, ou *Mapa das Mediações Culturais da Comunicação*, no qual evidencia a relação estreita dos meios com a cultura, assim como a visão processual da comunicação, com os eixos diacrônico e sincrônico

ligando os momentos do processo comunicativo. Alguns anos após, em 1998, adensa o *mapa noturno*, chamando o novo desenho das *Mediações Comunicativas da Cultura*. É quando, na avaliação de Lopes (2018a), o autor fortalece a teoria como uma teoria comunicacional, reconhecendo, a esse tempo, o avanço das mídias nos processos sociais. Os mapas são itinerários da teoria das mediações, que se convertem em protocolos metodológicos.

Os dois últimos mapas metodológicos do autor trazem as *Mediações Comunicativas das Mutações Culturais*, organizadas na década de 2010. Há o reconhecimento de uma teia complexa e articulada de múltiplas mediações, incorporando as questões do presente repleto de novos fluxos, identidades, ritualidades, espacialidades, temporalidades e tecnicidades, tendo esta última um adensamento teórico antes não encontrado na obra do autor². “A importância desse mapa está em reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade” (Lopes, 2018a, p. 56).

Os mapas tratam-se de esquemas que reconhecem situações a partir das mediações e dos sujeitos, nas quais o autor aproxima radicalmente comunicação e cultura.

Essa nova perspectiva significa recolocar os problemas de comunicação em outro campo, o dos processos sócio-culturais [sic]; por isso propõe o estudo dos fenômenos de comunicação através das mediações, ou seja, indica a entrada ao campo do estudo das instituições, organizações e sujeitos, pelas diversas temporalidades sociais e multiplicidade de matrizes culturais. (Jacks, 1995, p. 38)

O conceito de mediações, de maneira ampla na obra de Martín-Barbero, pode ser definido como “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, as diferentes temporalidades e as pluralidades de matrizes culturais”³ (Martín-Barbero, 1993, p. 224). O que se pode considerar por mediações são todos aqueles fatores e dispositivos que permeiam um processo – político, social ou cultural — e que foram sendo construídos com a própria evolução desses mesmos processos. São elementos e fatos que ficam “entre acontecimentos” e que, muitas vezes, se juntam a estes, modificando a configuração dos significados.

Pode-se entender por mediações as estruturas de construção de sentido às quais o receptor está vinculado. A história pessoal, a cultura de seu grupo, suas relações sociais imediatas, sua capacidade cognitiva são mediações, mas também interferem no processo sua maneira de assistir televisão, sua relação com os meios e com as mensagens veiculadas. (Martino, 2009, p. 180)

²Recentemente, Jacks et al. (2019) organizaram obra que se dedica a explorar todas as mediações elaboradas por Martín-Barbero e cotejá-las com as bases teóricas das áreas “originais” (Geografia, Filosofia, História etc.).

³Tradução nossa. No original: “articulaciones entre prácticas de comunicación y movimientos sociales, las diferentes temporalidades y la pluralidade de matrices culturales”.

Para Gutiérrez Vidrio (2003), os meios de comunicação participam do processo de mediações, mas nessa relação de produção de sentido também existem outras instâncias mediadoras: a família, a escola ou outros grupos com os quais o sujeito interage. A primeira elaboração de Martín-Barbero a respeito dos grupos de influências que participam da construção de sentidos reuniu três mediações – competência cultural, temporalidade social e cotidianidade familiar. Essas mediações foram as escolhidas para este exercício de aproximação com a teoria das representações sociais por serem entendidas como “básicas” da estruturação da teoria barberiana. Em uma circunstância de aplicação da proposição teórico-metodológica, observando-se o fenômeno a ser estudado, pode-se selecionar outras mediações que compõem a cartografia elaborada pelo autor ao largo de sua obra. Quando da escolha das primeiras mediações, o próprio autor manifestou em sua obra que um protocolo de mediações não substitui o anterior, mas compõe possibilidades de abordagem e compreensão da realidade.

Assim, neste artigo, para efeito de aproximação entre as teorias, da parte da teoria das mediações é tomado o grupo das três mediações iniciais propostas por Martín-Barbero ainda nos anos de 1980, consideradas as principais para captar as referências culturais e suas concretizações.

COMO REALIZAR A APROXIMAÇÃO ENTRE AS TEORIAS?

É possível perceber que as representações sociais e as mediações interligam-se. Isto porque as representações que os sujeitos fazem da realidade em que vivem podem ocorrer de acordo com o contexto social e com os grupos com os quais se relacionam. Por esse ângulo, acredita-se que é a partir das mediações que ocorrem as representações, que podem ser definidas como abordagens teóricas distintas – com dinâmicas, lógicas e fronteiras próprias –, porém, interligadas. Para entender as representações, é necessário “entender os processos através dos quais elas são produzidas e transformadas” (Duveen, 2000, p. 263). Conforme explica Jovchelovitch (2000a; 2000b), as mediações não geram somente as representações sociais; estas, por sua vez,

são forjadas por atores sociais para lidar com a diversidade e a mobilidade de um mundo que, ainda que pertença a todos nós, coletivamente nos transcende. Elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada um vai além das dimensões de sua própria individualidade para entrar noutra dimensão, fundamentalmente relacionada com a primeira: a dimensão da esfera pública. Nesse sentido, as representações sociais não somente surgem através das mediações sociais, mas tornam-se, elas também, mediações sociais. (Jovchelovitch, 2000a, p. 65)

As mediações “expressam por excelência o espaço do sujeito, em sua relação com a alteridade do mundo, lutando para dar sentido, interpretar e construir os espaços nos quais se encontra” (Jovchelovitch, 2000b, p. 81). Sabe-se que o processo de socialização ocorre de diferentes formas e ambientes, entre os quais a dinâmica familiar, escolar e de consumo cultural, pois a função mediadora é atribuída a diferentes grupos dos quais os sujeitos participam.

É no espaço explicativo que se pode perceber as representações sociais. “Um espaço explicativo é definido aqui como um conjunto de conceitos que podem ser ligados por relações implicativas que sustentam explicações lógicas válidas” (Wagner, 2000, p. 157). No momento em que se analisa a fala dos sujeitos, as suas opiniões e a realidade onde estão inseridos, pode-se perceber de que maneira eles estão representando determinada realidade ou objeto. O fenômeno das representações sociais está “espalhado por aí, na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais” (Sá, 1998, p. 21).

Pelo fato de as representações sociais serem veiculadas na vida cotidiana, é preciso buscar suportes para que possam ser apreendidas, os quais “são basicamente os discursos das pessoas e dos grupos que mantêm tais representações, mas também de seus comportamentos e as práticas sociais nas quais se manifestam” (Sá, 1998, p. 73). Do mesmo modo, “As representações sociais são fenômenos históricos, produzidos através de canais de interação cotidiana, e envolvem aspectos múltiplos” (Jovchelovitch, 2000b, p. 212).

Assim, para identificar as representações sociais e as mediações que participam do processo de construção, sugere-se a utilização de metodologias de orientação qualitativa, como a etnografia, por exemplo, além de técnicas de coleta de dados, das quais se destacam entrevistas abertas e semiestruturadas, história de vida, histórias de família, associadas à observação. A partir delas é possível apreender a realidade social vivenciada pelos sujeitos, pois é na trajetória que se formam as representações sociais e da qual as mediações participam. Afinal, “é da soma de experiências e memórias comuns que o sujeito extrai imagens, linguagens e gestos necessários para superar o não familiar, com suas conseqüentes ansiedades” (Moscovici, 2013, p. 78). Por essa razão, toda trajetória é significativa e precisa ser recuperada. Dessa forma, é possível mostrar que as mediações podem se tornar uma das maneiras de entender como as representações podem ser elaboradas, construídas, reconstruídas e reelaboradas. “O ‘alguém que constrói’ baseia sua construção num território simbólico que lhe dá o chão para a sua leitura do mundo, reafirmando a dimensão contextual já mencionada” (Arruda, 2002, p. 16).

A construção das representações sociais não é uma situação estática e imutável, mas sim um processo em constante transformação, influenciado por

fatores externos ao indivíduo e onde está inserido o seu campo das representações. Para Buss (2009, p. 31), elas “podem ser encontradas nos hábitos da vida cotidiana, nos saberes que os sujeitos transmitem, nos diálogos formais e informais, nas instituições organizacionais e nos espaços públicos”. É exatamente por essa razão que as mediações podem ser uma forma de estudar como as representações sociais são construídas, porque, como afirma Jovchelovitch (2000a, p. 81), “a vida social não é imediata; ela é mediada”.

As representações sociais só podem

ser entendidas em relação aos modos como elas se formam e se transformam. Os processos que dão forma e transformam as representações sociais estão intrinsecamente ligados à ação comunicativa e às práticas sociais da esfera pública: o diálogo e a linguagem, os rituais e os processos produtivos, as artes e padrões culturais, em suma, as mediações sociais. (Jovchelovitch, 2000a, p. 80)

Para conseguir compreender como o sujeito entende e sente determinado objeto social, parte-se do princípio de que o que conecta o sujeito com o objeto são as representações sociais (Moscovici, 2013). Entretanto, para conseguir realizar a análise dessas representações, três questionamentos devem ser considerados:

(1) Quem sabe e de onde sabe?, cujas respostas apontam para as condições de produção e circulação das representações sociais; (2) O que sabe e como sabe?, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das representações sociais; (3) Sobre o que se sabe e com quê efeito?, o que leva a uma ocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais. (Sá, 1998, p. 32)

A partir desses questionamentos também é possível identificar as mediações nesse processo, pois são elas que ajudam a construir as representações sociais, fazendo parte dessa ação. A partir dessas três dimensões pode-se elaborar o roteiro de entrevista, facilitando a identificação das mediações. Nesse caso, a cotidianidade familiar, a competência cultural e a temporalidade social podem ser percebidas no discurso dos sujeitos. A partir da ligação delas com as representações sociais pode-se perceber como o sujeito enxerga determinado objeto e a forma como elabora as suas representações, além de entender quais grupos de mediações se tornaram mais significativos nessa construção. É preciso considerar que “indivíduos ou grupos situam-se através da comunicação que estabelecem entre si, da escolaridade (bagagem cultural), através de códigos, valores e ideologias, relacionados com a situação social em que vivem” (Kuhnen, 1995, p. 79).

Essa condição só se torna possível a partir da experiência do sujeito e de sua trajetória, que dão suporte, ou seja, ancoram e objetivam a realidade em que ele vive. Os processos constitutivos, a objetivação e a ancoragem têm relação com a formação e o funcionamento da representação social, explicados a partir de suas condições de emergência e de circulação, que são as interações e as comunicações sociais (Jodelet, 2005).

A objetivação e a ancoragem são os mediadores do processo de construção das representações. As duas “mostram claramente que a construção de representações sociais tem em estruturas históricas e sociais alguns de seus elementos principais” (Jovchelovitch, 2000a, p. 41). Nesse sentido, pelo fato de as mediações participarem do processo de construção das representações sociais, elas também podem se tornar uma forma de entender a ancoragem e a objetivação. Essa condição poderia facilitar o processo de categorização ao se trabalhar com uma proposta metodológica qualitativa. No momento em que se considera o sistema de ancoragem e de objetivação nos três grupos de mediações, é possível identificar as categorias e agrupá-las para poder estudá-las. Sabe-se que a função social da objetivação é facilitar a comunicação e expressar conceitos. A ancoragem, por sua vez, engloba mecanismos que facilitam o entendimento de como o conhecimento do indivíduo pode se integrar ao que já existe. Ainda, é necessário que as subcategorias dentro de cada mediação sejam destacadas nas falas.

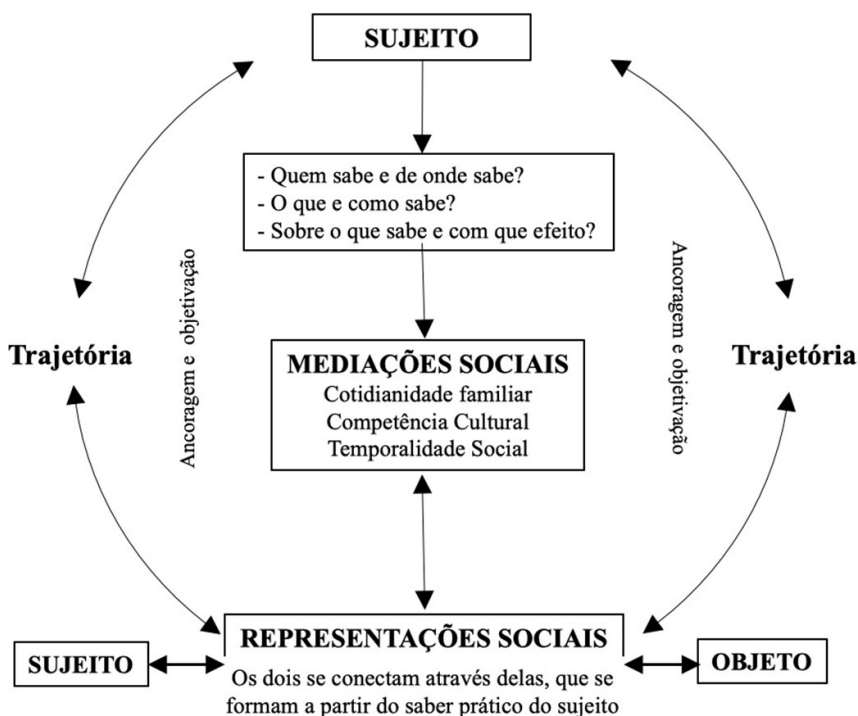
A objetivação explica a representação como construção seletiva, esquematização estruturante, naturalização, isto é, como conjunto cognitivo que retém, entre as informações do mundo exterior, um número limitado de elementos ligados por relações, que fazem dele uma estrutura que organiza o campo de representação e recebe um status de realidade objetiva. A ancoragem, como enraizamento no sistema de pensamento, atribuição de sentido, instrumentalizador do saber, explica a maneira pela qual informações novas são integradas e transformadas no conjunto dos conhecimentos socialmente disponíveis para interpretar o real, e depois são nela reincorporadas, na qualidade de categorias que servem de guia de compreensão e ação. (Jodelet, 2005, p. 48)

As representações sociais são responsáveis pelo comportamento e pelas atitudes dos indivíduos de uma coletividade e podem sofrer mudanças a partir do convívio e vivência deles no grupo e da experiência adquirida (Mesquita & Almeida, 2009). Afinal, “o indivíduo cria ideias, conceitos sobre acontecimentos, pessoas ou objetos para poder compreender o mundo à sua volta” (Chiodini, 2009, p. 47).

Para facilitar o entendimento de como uma pesquisa pode ser realizada utilizando-se a teoria das representações sociais, de Serge Moscovici, e a teoria das mediações, de Jesús Martín-Barbero, organizou-se um mapa metodológico para auxiliar o trabalho de campo e a reunião do material empírico. O mapa possibilita entender de que forma essas duas teorias podem ser utilizadas para o estudo. Nela, existem quatro pontos fundamentais: 1) o sujeito pesquisado; 2) o objeto de representação; 3) as mediações; e 4) os questionamentos que precisam ser realizados para que se possa captar de que maneira as representações são construídas. Esse sujeito possui a trajetória de vida e, como um processo contínuo, as representações sociais podem ir se modificando com o passar do tempo, construindo novas representações e produzindo, por sua vez, novas mediações⁴.

⁴Na tese que dá origem a este artigo, esta proposta teórico-metodológica foi aplicada em pesquisa interdisciplinar desenvolvida com um grupo de jovens do campo de uma região do Sul do Brasil. A pesquisa buscou compreender a constituição das representações sociais desse grupo social a partir das três mediações originais.

Figura 1
 Organização metodológica da teoria das mediações e da teoria das representações sociais



Nota. Guerin, 2017, p. 145.

Esse fluxo de trabalho possibilita ver de que maneira essas duas teorias se conectam e pode ser válido para o estudo das representações sociais a partir de um

viés qualitativo. É a partir da trajetória do sujeito que a ancoragem e a objetivação estão amparadas. Quando se identificam as mediações, é possível perceber como as representações do sujeito sobre determinado objeto podem ser construídas.

Assim, após a realização de entrevistas, é possível identificar as mediações dos sujeitos que participam da construção das representações. Nesse sentido, agrupam-se algumas mediações que podem ser identificadas nas entrevistas, o que facilita o processo de categorização e análise. Vale salientar, no entanto, que no momento das entrevistas é preciso também considerá-las para que a fala dos sujeitos possa fazer sentido. Será a partir das mediações identificadas nessa fala que poder-se-á analisar o modo que as mediações se conectam às representações sociais. No grupo de mediações relacionadas à competência cultural identificam-se todas as situações que, de alguma forma, têm relação com educação formal, aspectos étnicos, de classe e religiosos, aquisição de conhecimento e experiências obtidas a partir da vivência em outros lugares, reações emotivas e racionais dos sujeitos, além do próprio consumo cultural e uso das tecnologias de comunicação e informação vividas que podem se conectar às representações do objeto sobre o qual se pretende estudar.

Essa mesma condição também se aplica a todos os aspectos que englobam a temporalidade social, que se referem não somente a mudanças relacionadas ao tempo e ao espaço, mas também ao estranhamento sentido no confronto com outras realidades. Nesse aspecto, aborda-se o antes e o depois, tal como mudanças sentidas no que tange a aspectos econômicos, sociais e culturais e ao acesso à tecnologia, que também modifica a percepção de tempo e espaço entre as pessoas. Para entender melhor a maneira como acontece o encontro do tempo social com o tempo individual, temos a temporalidade social. Esse encontro possibilita as mais diversas percepções e experiências (Martín-Barbero, 1993), as quais, por sua vez, têm a capacidade de influenciar a maneira de se perceber determinado objeto. Além disso, não se deve esquecer que todos os dias os diferentes tempos e espaços tendem a se defrontar e, de alguma forma, também podem alterar a percepção que se tem sobre o mundo. Já o que está inserido na cotidianidade familiar trata de aspectos que fazem com que as pessoas se confrontem e mostrem como verdadeiramente são, através das relações sociais e da sua interação com as instituições (Wottrich et al., p. 4). A partir da cotidianidade, é possível entender as práticas diárias e a maneira de os sujeitos vivenciarem o espaço onde estão inseridos. Nela, os aspectos do trabalho, lazer e entretenimento, religiosidade, da relação com os familiares, círculo de amigos e vizinhança, o cotidiano propriamente dito, podem interferir na forma que as representações são construídas. Do mesmo modo,

a comunicação constitui-se como mediação em um mundo feito de mundos infinitamente diversos; o trabalho constitui-se como mediação entre as necessidades humanas e o material bruto da natureza; o desenvolvimento dos ritos, dos mitos e dos símbolos constitui-se como mediação entre alteridade e o mistério do mundo e da mente humana: todas essas mediações revelam, em maior ou menor grau, a aventura da busca humana para dar sentido e entender sua própria existência no mundo. (Jovchelovitch, 2000b, p. 81)

Ao perceber como ocorrem as conexões entre representações sociais e a teoria das mediações, a análise delas pode ser realizada. O mapa metodológico auxilia nesse processo de análise e pode se tornar uma alternativa de cunho qualitativo para se estudar as representações sociais em estudos nas áreas que compõem as Ciências Sociais e Aplicadas, especialmente na Comunicação, dada a natureza de seu objeto.

O QUE PENSAR DA LIGAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEDIAÇÕES SOCIAIS?

As representações sociais precisam ser analisadas a partir da articulação de dados afetivos, mentais e sociais, considerando, ainda, as relações sociais ligadas à cognição, à linguagem e à comunicação (Jodelet, 2005). As construções sociais alimentam a subjetividade dos sujeitos e esta, por sua vez, alimenta as relações sociais. Desse modo, identificar as representações de mundo a partir de distintas experiências de vida faz com que se torne importante, também, resgatar a trajetória de determinado grupo social pesquisado para identificar as mediações relacionadas às diversas faces que o próprio objeto social fornece. Considerando, então, diferentes realidades, percebe-se a necessidade de direcionar a discussão à trajetória dos sujeitos para se conhecer a maneira com que eles realizam as suas representações. Cada indivíduo tem um conhecimento de sua experiência e atribui importância a temas específicos, momentos ou situações, de acordo com sua própria história. Afinal, observar o mundo supõe uma visão mais ampla e vai muito além das aparências.

Acredita-se que a relação existente entre mediações e representações ocorre a partir de um ciclo. As mediações participam do processo de elaboração das representações e estas, por sua vez, também participam do processo de mediações. Então, a ideia é a de que se possa identificar as representações de mundo a partir de distintas experiências de vida, com base em depoimentos, com o intuito de analisar o que pode influenciar a *construção* das representações sociais do mundo

em que os sujeitos vivem e as representações construídas por meio de trocas simbólicas na vivência do espaço cultural. A partir das trajetórias dos sujeitos, é possível saber como ocorreram as mudanças e de que modo determinado grupo construiu suas representações sociais.

A identificação das mediações possibilita identificar elementos de como as representações podem ter sido elaboradas. A partir da competência cultural, temporalidade social e cotidianidade familiar apontam-se os fatores mais significativos nessa construção. A ideia não é a de perceber qual grupo de mediações pode ser o mais significativo, até porque as mediações se interligam e estão vinculadas, mas propor uma maneira de analisar como as representações sociais podem ser construídas.

A maior parte dos estudos sobre representação social trabalha em uma dimensão de evocação ou pesquisas quantitativas, em que a essência e a construção delas não são abordadas. Ao utilizar as mediações sociais como forma de entender as representações sociais de determinado grupo, é possível identificar os processos de construção e entender melhor como determinado objeto é representado, além de perceber quais mediações participam desses processos. ■

REFERÊNCIAS

- Arruda, A. (2002). As representações sociais: Desafios de pesquisa. *Revista de Ciências Humanas Florianópolis*, (6), 09-23. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Buss, R. B. P. (2009). Pontos e contrapontos sobre a gestão escolar: Representações sociais de docentes do Ensino Fundamental. In N. de M. A. Silva (Org.), *Pesquisas em representações sociais e educação* (pp. 27-37). Furb.
- Chiodini, C. R. (2009). Financiamento da Educação Básica no Brasil: Um estudo em representações sociais. In N. de M. A. Silva (Org.), *Pesquisas em representações sociais e educação* (pp. 39-79). Furb.
- Domínguez Gutiérrez, S. (2006). *Las representaciones sociales en los procesos de comunicación de la ciencia* [Apresentação de Trabalho]. I Congreso Iberoamericano de Tecnología, Sociedad y Innovación, Cidade do México, México.
- Duveen, G. (2000). Crianças enquanto atores sociais: As representações sociais em desenvolvimento. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* (pp. 89-111). Vozes.
- Escosteguy, A. C. D. (2018). Um tributo a Martín-Barbero: Fazendo memória de trajetórias. *Intexto*, (43), 24-34. <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.24-34>
- Guareschi, P. (2000). Sem dinheiro não há salvação: Ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (6a ed, pp. 191-228). Vozes.

- Guerin, Y. S. (2017). *Múltiplos olhares, múltiplas mediações: As representações sociais da ruralidade entre os jovens rurais da Microrregião de Santa Cruz do Sul*. [Tese de doutorado, Universidade de Santa Cruz do Sul]. Repositório institucional da Unisc. <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/1826>
- Gutiérrez Vidrio, S. (2003). *El campo de la comunicación desde las representaciones sociales* [Apresentação de trabalho]. X Anuario de investigación de la Comunicación CONEICC, Cidade do México, México, 2003.
- Jacks, N. A. (1995). Comunicação e Cultura: Mediações na Recepção de TV. *Publicatio UEPG*, 1(3), 35-42, 1995.
- Jacks, N., Schmitz, D., & Wottrich, L. (2019). *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero*. Ciespal. https://ciespal.org/wp-content/uploads/2019/12/Mutaciones_Culturales_APROBADO_05_DIC.pdf
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2000a). *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2000b). Vivendo a vida com os outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp. 63-85). Vozes.
- Kuhnen, A. (1995). *Reciclando o cotidiano: Representações sociais do lixo*. Letras Contemporâneas.
- Lopes, M. I. V. de. (2018a). A teoria barberiana da comunicação. *Matrizes*, 12(1), 39-63. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>
- Martín-Barbero, J. (1993). *De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía*. GG MassMidia.
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2018). Dos meios às mediações: 3 introduções. *Matrizes*, 12(1), 9-31. <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145681>
- Martino, L. M. S. (2009). *Teoria da comunicação: Ideias, conceitos e métodos*. Vozes.
- Mesquita, M. S., & Almeida, D. B. de. (2009). Representações sociais: Mapeamento conceitual. In N. de M. A. Silva (Org.), *Representações sociais em educação: Determinantes teóricos e pesquisas* (pp. 35-64). Furb.
- Moscovici, S. (2013). *Representações sociais: Investigação em psicologia social*. Vozes.
- Orozco, G. G. (1996). *Televisión y audiencias: Un enfoque cualitativo*. Ediciones de la Torre.
- Piñero Ramírez, S. L. (2008). La teoría de las representaciones sociales y la perspectiva de Pierre Bourdieu: Una articulación conceptual. *Revista de Investigación Educativa*, (7), 1-19. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=283121713002>

- Rodríguez Salazar, T. (2009). Sobre el potencial teórico de las representaciones sociales en el campo de la comunicación. *Comunicación y Sociedad*, 11.
- Sá, C. P. de. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Eduerj.
- Spink, M. (2000). Desvendando as teorias implícitas: Uma metodologia de análise das representações sociais. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs), *Textos em representações sociais* (pp. 89-111). Vozes.
- Stropasolas, V. L. (2002). *O mundo rural no horizonte dos jovens: O caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://core.ac.uk/download/pdf/30363701.pdf>
- Wagner, W. (2000). Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações Sociais. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp. 149-186). Vozes.
- Wottrich, L. H., Silva, R. C. da, & Ronsini, V. M. (2009). *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela*. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, Paraná, Brasil. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>

Artigo recebido em 25 de maio de 2023 e aprovado em 16 de fevereiro de 2024.